



BEMBÉ DO MERCADO COMO CAMINHO DE CONTINUIDADE: PROTAGONISMOS NEGROS QUE ALIMENTAM MEMÓRIAS DE TERRITÓRIOS ATRAVÉS DA EXISTÊNCIA.

Ana Carla Ferreira dos Santos ¹

Resumo

O presente trabalho é fruto da pesquisa de doutorado em filosofia em andamento sob o título: *Corpos que territorializam espaços: entre o não se perder ao se encontrar o flâneur negro em diáspora perpassa a ancestralidade*. Onde em um de seus recortes é aflorado o caso do Bembé do Mercado, como a transcendência de uma festa secular brasileira que foi iniciada no dia 13 de maio de 1889, um ano após a Abolição da Escravatura, já na atmosfera do vindouro Brasil República, na cidade de Santo Amaro, no Recôncavo Baiano. A festa será apresentada neste trabalho, sob o enfoque desde a sua configuração, motivos e continuidade a partir do protagonismo negro de sua origem. Em seu caminho metodológico se vale de pesquisa de campo e referencial bibliográfico em diálogos com pensadores como: Leda Maria Martins (2021); Helena Theodoro (1985); Lélia Gonzalez (2024); Grada Kilomba (2020) em suas abordagens sobre população negra dentro de sua visibilidade e protagonismo na sociedade através de sua cultura em festas. O viés abordado envolve as relações da festa com o território que é perpassado em várias instâncias, se reconfigura, e amplia as dimensões que reverberam na atualidade através da preservação da memória com a criação do Centro de Referência Bembé do Mercado em Santo Amaro.

Palavras-chave: Bembé do Mercado, Escravidão, Memória, Protagonismo Negro, Recôncavo Baiano.

Abstract

This work is the result of ongoing doctoral research in philosophy entitled: *Bodies that territorialise spaces: between not getting lost when encountering the Black flâneur in diaspora, ancestry is permeated*. One of its aspects highlights the case of Bembé do Mercado, as a transcendence of a centuries-old Brazilian festival that began on May 13, 1889, a year after the Abolition of Slavery, already in the atmosphere of the future Republic of Brazil, in the city of Santo Amaro, in the Recôncavo Baiano region. The festival will be presented in this work, focusing on its configuration, motives, and continuity from the perspective of the Black protagonism of its origin. In its methodological approach, it makes use of field research and bibliographic references in dialogues with thinkers such as: Leda Maria Martins (2021); Helena Theodoro (1985); Lélia Gonzalez (2024); Grada Kilomba (2020) in their approaches to the black population within its visibility and protagonism in society through its culture in festivals. The approach involves the festival's relationship with the territory, which is permeated in various instances, reconfigured, and expands its dimensions, reverberating in the present day through the preservation of memory with the creation of the Bembé do Mercado Reference Center in Santo Amaro.

Keywords: Bembé do Mercado, Black Protagonism, Memory, Recôncavo Baiano, Slavery.

¹ Doutoranda em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal Fluminense – PFL/UFF, fana.carla@gmail.com



Introdução

O trabalho em tela traz o caso de uma manifestação cultural, o Bembé do Mercado – o maior candomblé de rua, na perspectiva de uma festa afro-brasileira relevante no contexto brasileiro de uma população majoritariamente negra. O objetivo geral é de investigar a configuração do protagonismo negro iniciado com seu fundador João de Obá em um território a partir de uma festa secular que comemora a liberdade e agradece aos orixás.

Os objetivos específicos do estudo envolvem entender a origem da festa; saber como ela se mantém; os obstáculos que a manifestação cultural sofre ao longo do tempo e suas relações com o território. O caminho metodológico adotado foi a partir da observação através da pesquisa de campo no território onde ocorre a festa, a saber: Santo Amaro, no Recôncavo Baiano.

As discussões que envolvem o percurso do trabalho são oriundas em seu eixo principal com as pensadoras Leda Maria Martins e Lélia Gonzalez em seus entendimentos das nuances das vivências negras a partir de celebrações e rituais. Bem como, no esteio do que nos oferta Mungi Ngomane quanto a prática do Ubuntu. O território entra na pesquisa através das dimensões: política, cultural e econômica apresentadas por Haesbaert (2006) num diálogo com as inferências negras desde a origem da festa.

Em linhas de uma síntese conclusiva os direcionamentos do Bembé do Mercado na atualidade conjugam articulações entre saberes ancestrais, acadêmicos, políticos e de gestão intrinsecamente relacionados com a manutenção do sagrado e oferta de um legado para as novas gerações com a construção do Centro de Referência do Bembé do Mercado.

Uma vez que o Bembé do Mercado tem características marcantes de seu envolvimento com o território e reflexo na preservação da cultura afro-brasileira, como a transcendência de uma festa centenária brasileira iniciada em 13 de maio de 1889, no vindouro Brasil República, na cidade de Santo Amaro, no Recôncavo Baiano.

A festa apresentada neste trabalho, está no enfoque de sua configuração, motivos e continuidade oriunda do protagonismo negro desde sua origem. O viés abordado envolve as relações da festa com o território que é perpassado em várias instâncias, se reconfigura, e amplia suas dimensões que reverberam no presente através da preservação da memória.

A partir deste ponto, apresentam-se dados que contextualizam a relevância a partir dos antecedentes que envolvem o Bembé do Mercado. Muitos deles relacionam-se diretamente com a Escravidão no Brasil. A separação forçada que através do sequestro trouxeram africanos para o território brasileiro, se estabeleceu em silenciamento, apagamento e descontinuidade cultural.



O longo período escravocrata que culminou com o Brasil, no cenário mundial, como o último país a abolir a escravidão, traçou caminhos ainda pouco conhecido de muitos brasileiros. Além de muitos efeitos perpetrados neste período passado, mas que ainda ecoam na atualidade. Num legado que se perpetuou e deixou marcas profundas, onde as principais relações entre o passado escravista e o Brasil contemporâneo incluem desigualdade social e racial, racismo estrutural e impactos na economia e cultura.

Neste compasso, a estrutura social brasileira foi moldada pela Escravidão, que estabeleceu uma hierarquia racial que ainda coloca os brancos em posições de poder e privilégio, enquanto a população negra e indígena continua sendo marginalizada. A riqueza proveniente de séculos de trabalho escravizado beneficiou e criou privilégios para famílias brancas. Além de fomentar uma abissal desigualdade econômica refletida na atual concentração de renda e nos privilégios de certos grupos.

O cenário da marginalização oriundo da abolição da escravidão, em 1888, não garantiu cidadania plena aos ex-escravizados e seus descendentes. Assim, as desigualdades se solidificaram nas vias da falta de acesso à educação, à terra e emprego digno, ao empurrar estes grupos para a marginalidade.

Por sua vez, o Estado, ao invés de integrá-los, optou no incentivo da vinda de imigrantes europeus, para a inserção em nossa sociedade através do trabalho. Num ciclo que ainda não foi interrompido, em que as condições precárias de trabalho e a desigualdade no mercado de trabalho de hoje, afetam majoritariamente a população negra, e ressoam como um eco da estrutura de exploração da época escravocrata.

Por outro lado, ainda convivemos com imaginários alimentados e propagados pela oralidade e em bancos escolares que associam o fim da escravidão com a bondade de uma princesa. Enaltecida no cancionário popular brasileiro e venerada no discurso por muito tempo. Embora ainda seja necessária esta discussão, não irei me ater ao cenário político-econômico que envolvia o Brasil e o mundo por volta de 1888 que levou ao esgotamento do regime escravocrata que forçou o Brasil abandonar a escravidão.

A metodologia da qual se vale este estudo é proveniente de leituras como a ofertada pela filósofa Grada Kilomba (2020) ao trazer o Princípio da Ausência relacionado a pessoas negras, em seu prefácio à obra: *Pele Negra, Máscaras Brancas*, de Frantz Fanon, onde a autora oferta sua experiência de encontro com o texto do filósofo.

Desde o acesso ao pensamento de KILOMBA (2020), atentei ao que era visível e invisibilizado no contexto das festas brasileiras protagonizadas por pessoas negras. Neste ensejo, cheguei ao Bembé do Mercado, uma festa centenária baiana que eu percebi o



desconhecimento de algumas pessoas as quais eu perguntei, inclusive naturais da Bahia e adeptas do Candomblé.

Interessada na investigação, tracei uma estratégia metodológica na qual decidi que iria conhecer o Bembé do Mercado. Dei início um levantamento de dados, referências bibliográficas sobre o Bembé do Mercado, mas optei por fazer uma leitura aprofundada após a Pesquisa de Campo. Assim, no mês de maio do ano de 2025, passei alguns dias no Recôncavo Baiano para observar e tentar apreender os festejos do Bembé que se deram numa programação intensa de dez a dezoito de maio, onde fiz minha imersão.

Após o estudo *in locus* comecei a delinear os autores que dialogam mais próximo ao que pude entender da celebração do Bembé do Mercado, para início da escrita. Bem como, estabeleci alguns contatos com locais relacionados com a festa, para alimentar o trabalho no destrinchar de algum ponto que possa ser necessário, posteriormente.

A partir de então, estabeleci que o caminho metodológico adotado seria a partir da observação, coleta de material fotográfico e de vídeos no decorrer da pesquisa de campo no território onde ocorre a festa, a saber: Santo Amaro, no Recôncavo Baiano e os diálogos decorrentes das indagações do trabalho.

O território do Bembé do Mercado

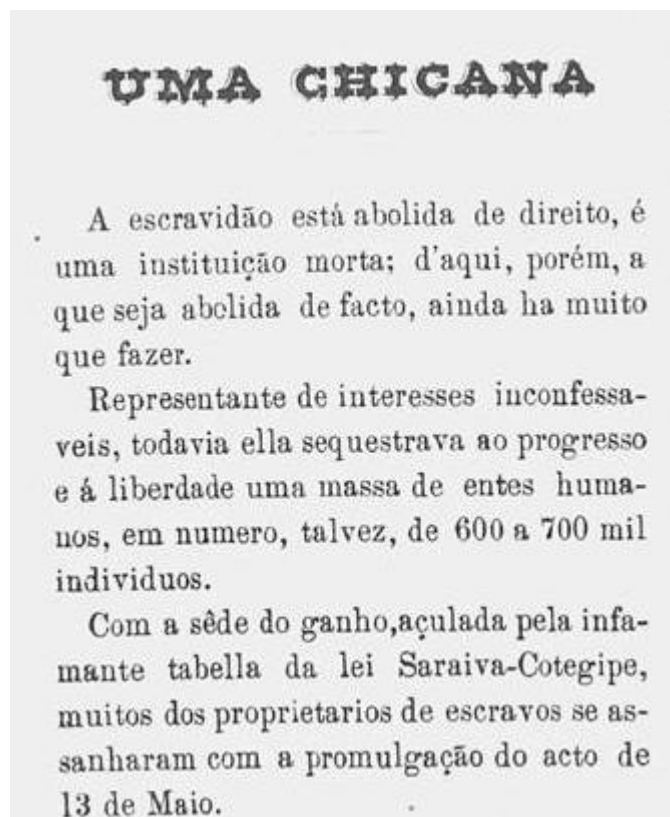
Sem qualquer viés de romantização da Abolição da Escravatura, fato é que depois do 13 de maio, o panorama interno do Brasil foi fortemente transformado. O que comumente nos dias de hoje denominamos zona de conforto se afastou de quem teve seu patrimônio estabelecido com mão-de-obra escrava. O que implicou em várias mudanças de comportamento e *modus operandi*. A situação economicamente afetou a todos, abolicionistas e contra abolicionistas.

O panorama da desigualdade socioeconômica enraizado durante a Escravidão enriqueceu famílias que continuaram a usufruir de privilégios e oportunidades, enquanto a população negra ainda lutava por direitos básicos. Entretanto, tornou-se mais evidente no pós-abolição, essa disparidade, uma vez que a Lei Áurea de 1888 não foi acompanhada de políticas de inclusão: como distribuição de terras ou acesso à educação e ao mercado de trabalho.

Neste contexto, milhões de pessoas foram libertadas, mas abandonadas à própria sorte, sem o suporte do Estado. Essa falta de apoio perpetuou a exclusão, marginalização e pobreza, e aprofundou as desigualdades sociais.



Figura 1: Recorte da Revista Ilustrada.



Fonte: [Revista Ilustrada \(RJ\) - 1876 a 1894 - DocReader Web](#)

O trecho acima, pertencente de um texto da Revista Ilustrada de 1888, já apontava que a prática da Abolição da Escravatura não dava conta do que ainda tinha que ser feito para uma efetiva liberdade. O teor do supracitado se insere no preconizado em: *O perigo de uma história única*, por Chimamanda Ngozi Adichie (2019. p.26): “A história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história”.

Através do pensamento da autora infere-se a compreensão das possibilidades para a criação de imaginários que reforçam visões unilaterais que apagam histórias e enaltecem outras. Situação que suprime outras compreensões de existência. E ao se ampliar visões se constrói um mundo menos desigual.

Assim, trazer a informação de uma festa, como a do Bembé do Mercado, entra na esfera de se ampliar horizontes ao não se prender a uma única informação sobre as relações decorrentes da Abolição da Escravatura ao mostrar outras relações com a liberdade.



Neste ínterim, medidas do Império atingiam à Colônia e quem tinha poder buscava minimizar seus prejuízos. A questão habitacional no Brasil inexistente até aquele momento, passou a existir e atingia diretamente a população negra africana e seus descendentes recém libertos oficialmente.

O território do Bembé do Mercado entendido neste trabalho parte de uma das várias noções apresentadas pelo geógrafo Rogério Haesbaert (2006, p.40), quando ensina que o território é: “cultural (muitas vezes culturalista) ou simbólico-cultural: prioriza a dimensão simbólica e mais subjetiva, em que o território é visto, sobretudo, como o produto da apropriação/valorização simbólica de um grupo em relação ao seu espaço vivido.”

Neste sentido, a geografia física brasileira do lugar ganhou novos contornos corpóreos com os habitantes que territorializaram os espaços com seus corpos negros. Antigas fazendas que foram abandonadas, quilombos, morros, áreas ribeirinhas e periféricas das cidades, com seus inúmeros cortiços passaram a ser ocupados e habitados de forma majoritária pelos libertos já de forma marginalizada.

Uma vez que os efeitos da Lei de Terras, nº 601 de 1850 se tornaram mais eficazes diante da necessidade de moradia. Esta lei, quando define que a aquisição de terras só poderia ser feita através da compra, já cravou um dos primeiros critérios de desigualdades raciais que ainda é vigente até os dias de hoje. Ela impediu que os ex-escravizados e seus descendentes tivessem acesso à terra para moradia e à produção agrícola.

Situado na região do Recôncavo Baiano, Santo Amaro, território foco deste trabalho, no viés do Bembé do Mercado, teve em seu passado a base da economia a escravidão, ela foi um importante pólo açucareiro. Com grande número de usinas e engenhos que absorviam largamente a população negra escravizada.

Ainda no período da Escravidão, o comércio realizado no Mercado Local, incluía a venda de peixes, servia para os escravizados como uma alternativa na obtenção de recursos para a compra da alforria e posteriormente como forma de sustento, sendo o espaço do Mercado também protagonista da história. No pós-abolição ganhou algumas especificidades que afloram suas marcas nos dias atuais.

Temos com Censo do IBGE, do ano de 2022, depois de décadas de existência, os primeiros dados censitários da população quilombola. Ele identifica a existência de 1,3 milhão de pessoas quilombolas no Brasil, que representam 0,65% da população total do país. Onde mais de 60% dessa população vive em áreas rurais, com 12,6% morando em territórios oficialmente reconhecidos.



No estado da Bahia encontra-se o maior quantitativo de quilombolas do país, foram identificadas 397.059 pessoas. O que representa quase 30% de todas as pessoas quilombolas do total nacional. Especificamente no que se refere ao Recôncavo Baiano, o Censo 2022 do IBGE identificou e registrou a presença de quilombolas em diversos municípios.

A população negra de Santo Amaro (pretos e pardos) representava 94,0% da população total em 2022, de acordo com censo. Em pormenores, 50,9% da população se autodeclarou preta e 43,1% se autodeclararam parda, em uma cidade que tem cerca de 56 mil habitantes. Desse total, 6,9 mil pessoas que se declararam quilombolas, o equivalente a 12,4% da população total. Esses dados censitários ajudam a subsidiar o entendimento da força da Festa do Bembé do Mercado e sua profunda relação com a identidade local do município de Santo Amaro.

As simbologias do 13 de maio: João de Obá e o protagonismo negro no Bembé do Mercado

João de Obá foi uma figura crucial na história do Bembé do Mercado. Um babalorixá de origem africana, ele liderou e mobilizou sua comunidade. Ele reuniu seus filhos de santo, pescadores e outros seguidores, e juntos foram às ruas, para um ato público, em 13 de maio de 1889. O objetivo era comemorar a liberdade, o fim da escravidão, o afastamento das torturas e a superação da precariedade impostas pela opressão escravista, além de agradecer aos orixás.

Desde então, seguiram-se 136 anos de comemorações, marcados por raras e esporádicas interrupções. Não se tem grandes informações formais sobre a vida de João de Obá, no entanto, a memória coletiva e a oralidade preservam e mantém viva a ancestralidade desse homem negro, pioneiro dessa celebração que atravessa séculos.

De acordo com o divulgado pelo Instituto Búzios², no ano de 2023, foi instalado no Largo do Bembé um busto de João de Obá, de 56 cm de altura por 40 cm de comprimento, confeccionado com resina revestida com pó de mármore e grafite. Ele foi produzido pela artista plástica soteropolitana Annia Rízia.

O projeto foi idealizado pelo Museu Nacional da Cultura Afro-Brasileira – Muncab, de Salvador, e realizado em parceria com a Associação Beneficente Bembé do Mercado, o Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia – IPAC e a Prefeitura de Santo Amaro.

² Disponível em: [João de Obá, fundador do Bembé do Mercado, maior candomblé de rua do país, ganha monumento na BA – Instituto Búzios](#). Acesso em: 28 set. 2025.

Figura 2: Busto de João de Obá no centro do Largo do Bembé do Mercado.



Fonte: Acervo da autora. Maio de 2025.

Podemos pensar numa festa como uma comemoração, uma celebração de algo importante para um grupo e que é mantido em sua memória ao longo do tempo em função de sua manifestação. As circunstâncias e o contexto podem delinear o acolhimento, o pertencimento e a integração dela em seu território. Temos nos aspectos culturais de identidade apresentados no Bembé do Mercado, ricos elementos para entender a motivação e o envolvimento de um grupo em relação a uma celebração.

O Bembé do Mercado é conhecido por ser o maior candomblé de rua do mundo. Existem diversas teorias sobre o uso do nome Bembé, quase todas assentadas nos processos da diáspora africana. De certo modo, o terreiro vai para a rua, contudo, sem o transe de alguns de seus adeptos, mas a ritualização está presente em todas as etapas da festa.



Trago o pensamento de Luiz Antonio Simas e Luiz Rufino (2018, p.42-43) no que tange a dimensão do terreiro que entendo que o Bembé do Mercado representa:

A noção de terreiro orienta-se, conforme sugerimos, a partir das sabedorias assentadas nas práticas culturais. Consideramos que “praticar terreiros” nos possibilita inventar e ler o mundo a partir das lógicas de saberes encantados. As perspectivas encantadas praticam e interpretam o mundo ampliando as possibilidades de invenção, credibilizando a diversidade e referendando-se naquilo que os próprios fundamentos das mais diferentes “macumbarias” definem como uma ciência encantada. Assim, os terreiros inventam-se a partir do tempo/espaço praticado, ritualizado pelos saberes e as suas respectivas performances. Essa consideração não despreza a referência dos terreiros a partir de sua fisicalidade, mas alarga o conceito para as dimensões imateriais. Aquilo que damos conta como a materialidade de um terreiro perpassa pelos efeitos e cruzamentos do que pensamos como o saber praticado. O que a noção de terreiro abrange é a possibilidade de se inventar terreiros na ausência de um espaço físico permanente. Assim, abrimos possibilidades para pensar essa noção a partir do rito. As práticas passam a ser a referência elementar. A perspectiva mirada a partir do rito expõe as possibilidades, circunstâncias e imprevisibilidades postas nas dinâmicas de se firmar terreiros. (SIMAS & RUFINO, 2018, p.42-43).

Os autores apresentam o terreiro numa perspectiva epistemológica calcada nos saberes encontrado nas práticas culturais, em seus ritos, seus saberes, performances e lógicas encantadas que são as referências elementares para a existência do terreiro, independentemente de um local físico permanente. Num pensamento baseado em ações que ultrapassam a materialidade do terreiro e o expande para dimensões incorpóreas. Assim, a relação é de interdependência entre o material e o imaterial, com primazia do imaterial que ganha forma e expressão em um tempo/espaço que é ritualizado.

A comemoração do Bembé do Mercado ocorre anualmente, gira em torno de uma semana, com um de seus pontos culminantes no 13 de maio. O vínculo com a Escravidão é indissociável desse festejo da liberdade e culto de divindades africanas em sua origem. Como um caminho de continuidade, pode-se entender que o Bembé não é apenas uma festa isolada, mas um ritual que assegura a perpetuação das tradições, conhecimentos e laços culturais afro-brasileiros ao longo do tempo. Pode ser traduzido como uma forma com a qual o passado se conecta com o presente e o futuro.

O protagonismo negro herdado desde sua origem é destacado no papel central da comunidade negra na manutenção e na organização da festa. A celebração é um espaço onde as pessoas negras são as protagonistas e narram sua própria história e cultura de resistência e criações, ao afirmar sua existência e sua relevância social e cultural.

A celebração reforça a ligação com o espaço físico do território do Mercado Municipal de Santo Amaro e com as memórias de resistência, luta e ancestralidade da comunidade. O Bembé torna o território um depositário vivo de memórias. Assim, sua existência refere-se ao poder da própria presença e da vivência da comunidade negra, que, ao existir, resistir e celebrar,



garante a vitalidade de suas tradições, história e memória. A simples continuidade da celebração é, por si só, um ato de resistência e afirmação cultural.

Figura 3: O Barracão do Bembé do Mercado.



Fonte: Acervo da autora. Maio 2025.

De acordo com Walter Fraga Filho (2010, p.27) em relação aos festejos do Bembé do Mercado:

Até a década de 1950, o povo de santo era obrigado a requisitar autorização formal da polícia para realizar a celebração. Mas a ideia de “obrigação” terminou se impondo às restrições e proibições policiais. Segundo a tradição, a festa não pode deixar de ser realizada sob pena de que algo de mal possa sobrevir sobre a cidade. A sobrevivência dessas celebrações pode nos dizer muito sobre a forma como a memória reatualiza antigas lutas e esperanças. E mais que isso, podemos ver nas celebrações da abolição as projeções da memória em sua perene saga contra o esquecimento e a tentativa de apagamento do protagonismo e envolvimento de homens e mulheres nos embates pelo fim do cativeiro e pela cidadania. (FRAGA FILHO, 2010, p.27)

O autor nos mostra que às vezes o costume se sobrepõe às formalidades, como no caso ocorrido no Bembé, quando a “obrigação” preponderou em relação à proibição. Em linhas mais gerais, o Bembé do Mercado se caracteriza como uma obrigação religiosa destinada aos orixás das águas para agradecer e propiciar o bem-estar da coletividade. No primeiro dia dos festejos ocorre, a alvorada, o hasteamento das bandeiras e a lavagem do busto de João de Obá que reúne



muitos espectadores entre moradores e visitantes em um momento de reverência à ancestralidade.

O Bembé ocorre em três momentos cerimoniais: com os ritos ligados ao fundamento da festa, caracterizados nas cerimônias para os ancestrais, o Padê de Exu, o Orô de Iemanjá e Oxum; o Xirê do Mercado e a Entrega dos Presentes destinados a Iemanjá e a Oxum que ocorrem no último dia de festa. Em todas as etapas temos, a reafirmação do protagonismo do povo negro na preservação de suas tradições e no fortalecimento da memória coletiva.

O Bembé foi reconhecido como patrimônio imaterial pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia, em 2012, e pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), no ano de 2019. Segundo o Portal do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - Iphan:

O pedido para registrar a celebração foi apresentado ao Iphan pela Associação Beneficente e Cultural Ilê Axé Ojú Onirê no ano de 2014. O presidente da Associação, Jose Raimundo Lima Chaves, conhecido como Pai Pote, revela que a titulação como Patrimônio Cultural do Brasil será muito positiva, pois valorizará não só o povo de terreiro, como também a comunidade negra da diáspora africana. (Iphan, 2012, s/p.).

Embora exista participação da esfera pública, as ações do Bembé do Mercado são de iniciativas própria de acordo com o momento em que vivem e o contexto em que estão inseridos. Situação que implica em mudanças internas e externas, persistência, espera, disputas e conquistas. Dentre as mais recentes notícias relativas à continuidade do Bembé do Mercado, tem-se que o Conselho Universitário – CONSU da Universidade do Estado da Bahia – UNEB aprovou, em vinte e cinco de abril de 2025, a criação e o Regimento Interno do Centro de Referência Bembé do Mercado. Segundo divulgado no site da Agência de Comunicação da UNEB³:

O Centro, que irá funcionar em Santo Amaro da Purificação, nasce a partir do legado do Bembé do Mercado, Patrimônio Cultural do Brasil e vai articular ações de pesquisa, extensão e ensino que dialoguem com os saberes dos terreiros, quilombos, comunidades tradicionais e intelectuais negros e negras do Brasil e do mundo. A aprovação da proposta, apresentada pela UNEB, por meio da Pró-Reitoria de Ações Afirmativas (Proaf), pela pesquisadora e professora da universidade **Ana Rita Araújo Machado** e pelo **Babalorixá Pai Pote**, reafirma o compromisso da Universidade com a justiça racial, o enfrentamento ao racismo religioso e o fortalecimento das ações afirmativas. (UNEB, 2025, s/p.).

Das confluências da pesquisa: alguns resultados

Do que foi pesquisado até então, os resultados obtidos apontam para uma forte organização da Associação Beneficente Bembé do Mercado. As relações que envolvem mais

³ Disponível em: [Conselho Universitário da UNEB aprova criação do Centro de Referência Bembé do Mercado e Outorga de Honoris Causa à Yeda Pessoa de Castro - Agência de Comunicação](#). Acesso em 30 out. 2025).



de sessenta terreiros de Santo Amaro trazem a hierarquia e o modo de decisão da ancestralidade do terreiro. Elas são aplicadas no externo que o Bembé do Mercado precisa ao se articular dentro da contemporaneidade. A historiadora Ana Rita Araújo Machado (2009) nos ensina que:

Alguns dias antes da primeira semana do mês de maio as lideranças dos terreiros da cidade e alguma autoridade que representa a prefeitura se reúnem para o sorteio. Geralmente realizado na Secretaria de Turismo e Cultura cujo objetivo é a escolha do babalorixá responsável pelas cerimônias religiosas e pela organização da festa, e conseqüentemente, o terreiro onde irão acontecer os ritos privados. Contudo a prefeitura é responsável pela logística da festa, financiando os objetos e ingredientes utilizados nos rituais, fornecendo transportes, alimentação e colaborando financeiramente com os terreiros que participam do xirê, no largo do mercado. Os sorteios foram utilizados como critério após o falecimento de Tidú, um dos babalorixás que durante quase trinta anos foi responsável pelo candomblé do mercado. (MACHADO, 2009, p.50).

Como mostra a pesquisadora, a organização da festa é estabelecida por critérios internos do terreiro e articulações com algum representante da esfera do governo. A partir de conversas com participantes do Bembé do Mercado, bem como nas falas de palestrantes locais no período da festa tem-se que os desejos que as Iyalorixás mais velhas, as ancestrais baianas no seio de sua casa sonhavam para seus filhos como caminhos para um futuro melhor a partir da educação foi aprimorado.

Na atualidade, o entendimento sobre o valor dos estudos foi reforçado, além de ganhar outra dimensão com uma consciência de que o caminho do conhecimento proveniente dos bancos universitários deve se voltar para um melhor traçado do futuro coletivo da comunidade, muito mais do que uma mudança individual através da conquista de um diploma. Este ideal conjuga com o que nos ensina NGOMANE (2023), ao trazer “Faça da união uma prioridade, onde o autor diz:

Quando você precisa sobreviver na mesma terra de seu vizinho e trabalhar ao lado dele, a colaboração é fundamental. “ É preciso um vilarejo para criar uma criança” é um provável provérbio africano que se baseia no entendimento de que uma comunidade unida é uma comunidade forte. Toda pessoa é importante, todos contribuem e, trabalhando juntos, grandes coisas podem acontecer. (NGOMANE, 2023, p.34).

Com o entendimento do autor vemos a coletividade como fator preponderante em relação ao indivíduo. Dentro da realidade de Santo Amaro, com as articulações do Bembé do Mercado, temos um cenário a partir da criação dos Institutos Federais e da interiorização das universidades públicas como um fator crucial para os desenhos que estão sendo delineados a partir de novos sujeitos das narrativas. As ressignificações a partir do seu próprio território e a valorização dos seus saberes fortalecem novos arranjos.



Os caminhos encontrados pelos negros de Santo Amaro e pessoas brancas que entendem a necessidade da construção do Centro de Referência do Bembé do Mercado fomentado pela memória social, percebem o conhecimento negro, dentro do tempo espiralar apresentado por Leda Maria Martins (2021) onde futuro, presente e passado se articulam num acorde distinto do ocidente e não se curvam a ideia de atraso a ser superado ou evolução a ser alcançada.

A filósofa Helena Theodoro (1985, p.79) indica que:

A descoberta do papel das religiões negras no seio da sociedade brasileira vai possibilitar a descoberta, revelação e recuperação dos fatos da vida e da experiência dos negros – logicamente de sua cultura, que têm sido encobertos, inacessíveis, suprimidos, distorcidos, mal entendidos e ignorados. (THEODORO, 1985, p.79)

Segundo a pensadora, é importante buscar entendimento sobre o papel das religiões negras no Brasil. Este pensamento, coaduna com o que é ofertado pela configuração do Bembé do Mercado e sua manutenção de memória. Encontra um campo fecundo de análise para o desenvolvimento deste estudo no suporte também no que nos oferta Lélia Gonzalez (2024, p.46): “A intervenção de formas procedentes de outros modelos culturais – africanos e indígenas – torna-se crucial para a compreensão das dinâmicas das festas populares brasileiras.”

Temos através do pensar das autoras: MARTINS (2021), THEODORO (1985) e GONZALEZ (2024), algumas abordagens que delineiam caminhos essenciais de compreensão das diversas experiências e culturas negras, partindo de suas origens e modos de existir. Tais perspectivas são cruciais para um entendimento aprofundado da sociedade brasileira, manifestada por meio de sua rica cultura e religiosidade, influenciadas pelas contribuições das pessoas negras.

Considerações Finais

O tempo pode distar dos fatores iniciais que motivaram a conflagração de um evento. Sua dimensão pode se manter, diminuir ou aumentar e não será um fator único que pode determinar sua vigência. O Bembé do Mercado tem um impacto significativo na cultura local de Santo Amaro e do Recôncavo baiano.

Esta celebração não apenas preserva as tradições afro-brasileiras, mas também fortalece a identidade cultural da comunidade. O Bembé do Mercado é um evento que promove a valorização das raízes africanas e reforça a importância da herança cultural e histórica dos afro-brasileiros.

Através de seus rituais de Candomblé e valorização das demais manifestações culturais da região, com inferências na economia local entre as novas gerações e visitantes. Além disso,



o Bembé do Mercado serve como uma plataforma para a educação e conscientização sobre a história e a cultura afro-brasileira.

Ele é promotor de educação e conscientização sobre a história e a cultura afro-brasileira às novas gerações e visitantes de modo orgânico. As atividades realizadas durante a festa ajudam a aumentar a visibilidade e o reconhecimento das tradições, o respeito e a valorização da diversidade cultural. Além de valorizar a cultura da região ao agregar outras manifestações culturais.

O Bembé do Mercado fortalece laços comunitários, ao reunir pessoas de diversas origens e idades numa celebração coletiva. Essa união é fundamental para a preservação da cultura e cria um senso de pertencimento e solidariedade entre os membros da comunidade, onde os integrantes delineiam o andamento da festa.

Referências Bibliográficas

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

FRAGA FILHO, Walter. O 13 de maio e as celebrações da liberdade, Bahia, 1888-1893. In: **História Social**, nº 19, segundo semestre, 2010, pp 60-90. Disponível em: <http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/rhs/article/view/316/272> . Acesso em 28 set. 2025.

GONZALEZ, Lélia. **Festas populares no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2024.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

IBGE. Censo 2022. Disponível em: [IBGE | Portal do IBGE | IBGE](#). Acesso em 30 out. 2025.

KILOMBA, Grada. In: FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

MACHADO, Ana Rita Araújo. **Bembé do Largo do Mercado: memória sobre o 13 de maio**. (Dissertação de Mestrado em Estudos Étnicos e Africanos). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia (FFCH-UFBA), Bahia, 2009. Disponível em: [Universidade Federal da Bahia: Bembé do Largo do Mercado: memórias do 13 de maio](#). Acesso em: 20 out. 2025.

MARTINS Leda Maria. **Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

NGOMANE, Mungi. **Ubuntu todos os dias: eu sou porque nós somos**. Rio de Janeiro: Best Seller, 2023.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. **Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas**. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.



ENANPEGE
XVI Encontro Nacional de Pós-Graduação e
Pesquisa em Geografia

THEODORO, Helena. O negro no espelho: implicações para a moral social brasileira do ideal de pessoa humana na cultura negra. (Tese de doutorado em Filosofia). Universidade Gama Filho, 1985. Disponível em: [HELENA-THEODORO-O-NEGRO-NO-ESPELHO.pdf](#). Acesso em: 28 out. 2025.